

Sem pé nem cabeça

Eu sempre quis desenhar, desenhar como se pudesse tirar retrato do que eu sinto por dentro.

Do que eu penso e não digo

Do que eu sonho e não consigo.

Isso para que alguém pudesse ver e dizer:

“Que bonito!”

Ou “Que tristeza!”

Ou “A orelha não ficou grande demais?”

Ou “Minha filha desenha bem melhor que isso...”

Não precisava nem gostar do meu desenho. Na verdade eu queria que a pessoa que visse meu desenho pudesse entender o que eu tenho cá dentro de mim.

Sentir igualzinho tudo o que eu sinto, só com algumas mudançazinhas por ter misturado o que eu sinto com o que a pessoa estivesse sentindo naquele momento

E me explicar o que falta.

E completar o que falta.

E rematar o desenho.

Mas desenhar é difícil.

Não é só querer. Nem é só sentir.

E eu achei que devia começar com um pequeno desenho.

Um desenhinho, só para ver o que acontecia.

Foi aí que eu peguei um lápis e desenhei um Quadrado bem quadradinho, bem quietinho, bem no meio do papel.

Um Quadrado sem régua.

Não era uma casa ainda sem teto.

Nem era uma caixa ainda sem tampa.

Era um Quadrado só.

Sem pé nem cabeça.

Depois eu desenhei um Redondo bem redondinho, muito certinho, bem ao lado do Quadrado.

Um Redondo sem compasso.

Não era para ser bola, ainda sem couro.

Nem para ser sol, ainda sem luz.

Nem para ser cara, ainda sem rosto.

Era só um Redondo.

Sem pé nem cabeça.

Fiquei olhando para os dois, imaginando o que poderiam ser.

Casa...

Caixa...

Bola...

Sol...

Poderiam ser lua de namorar e dado de jogar.

Poderiam ser caixa de guardar e roda de transportar.

Poderiam ser tudo.

Dependeria de quem olhasse.

Aí eu olhei e imaginei.

Imaginei com toda força, imaginei bem forte.

Foi então que o Redondo começou a girar.

Girou, girou por todo canto do papel e acabou dizendo:

– Uf, uf, uf, como estou cansado!

Falava e não parava.

Girava e deslizava até às bordas do papel, sempre sem parar.

O Quadrado ficou olhando para o Redondo, quase tonto com tanta volta que ele via.

Suspirou e reclamou:

– Ai, ai, ai, e eu, como estou descansado! Estou cansado dessa vida descansada!

– Uf! – bufou o Redondo. – Alô, amigo, vou chegando e já vou indo. Alô e adeus!

Adeus e alô! Cá estou eu de volta. Alô e adeus...

– Pare um pouco! – pediu o Quadrado.

– Bem que eu queria, mas não posso. Tenho de circular. Sem parar, sem parar...

Adeus...

– Você é que é feliz – comentou o Quadrado. – Pode rodar por aí, conhecer o mundo...

– Alô! Feliz, nada! Estou morto de cansaço. Como eu gostaria de dar uma paradinha! Adeus...

– E eu, como gostaria de passear! Vivo aqui, parado no mesmo lugar, vendo sempre as mesmas coisas... Que vida triste a minha!

– Outra vez, alô! Eu é que gostaria de estar no seu lugar. Dar uma paradinha, tirar uma soneca, ver o tempo passar, bem descansado... Outra vez, adeus!

O Quadrado começou a choramingar:

– Eu é que gostaria de trocar com você. Não aguento mais ficar parado...

– Alô, amigo! Pois tente circular. É fácilimo. Adeus, amigo...

– Está bem. Vou tentar.

O Quadrado tentou com todo o empenho.

Tentou rolar para um lado.

Depois para o outro.

Mas acabou desistindo.

– Não consigo circular. Não adianta. Não sou redondinho como você.

– Alô... E eu não consigo parar. Adeus... Não sou quadradinho como você. Alô...

– Pois é muito fácil parar. Eu consigo ficar parado o tempo todo...

– É fácil para você. Pra mim, que sou redondo, não é.

Às vezes fico de cabeça pra cima.

Às vezes fico de cabeça pra baixo.

Às vezes fico de um lado.

Às vezes fico do outro.

Só não consigo parar. Adeus...

Eu é que fiquei meio chateado. Nem tinha ainda descoberto o que eram aquelas duas pestes e os dois só faziam reclamar.

Eles eram apenas produto da minha imaginação. Mesmo assim, eles estavam me preocupando com aquelas reclamações. E eu descobri que tinha criado dois seres infelizes, justamente pela forma com que eu os desenhei.

Ainda que fossem invenções, eles estavam infelizes e a culpa era minha.

Eu precisava fazer alguma coisa, desenhar alguma outra coisa. Mas o quê? Eu nem sei desenhar direito...

Se eu transformasse o Quadrado em casa com telhadinho e flores na janela, na certa ele ia ficar ainda mais aborrecido, porque casa, sim, é que nunca sai do lugar.

E o Redondo, então? De que adiantaria se eu o transformasse numa roda de bicicleta ou num disco de música? Aí, então, é que ele ficaria furioso. E cada vez mais cansado...

Foi aí que eu resolvi desenhar uma pedrinha no papel. Pedra é fácil. É só desenhar uma manchinha meio borrada e dizer que é pedra.

– Ei! – gritou o Quadrado. – Cuidado com a pedra!

– Oooooops! – fez o Redondo.

Mas era tarde demais.

O Redondo tropeçou na pedra e...

Plaft!

... foi cair bem dentro do Quadrado!

Surpreso, o Redondo falou:

– Veja! Que coisa maravilhosa! Encaixei direitinho! Dentro de você eu consigo ficar parado!

Contente com a felicidade do amigo, mas ainda descontente consigo mesmo, o Quadrado cumprimentou:

– Que bom! Agora você pode descansar!

– É mesmo! É só pular pra fora quando eu quiser circular...

... e pular pra dentro quando eu quiser tirar uma soneca!

– Pode descansar o quanto quiser e pode passear o quanto quiser, amigo Redondo. Eu estarei sempre aqui. Nunca saio mesmo daqui... Pobre de mim!

O Redondo ficou com pena. Pensou um pouco, pensou outro pouco e acabou tendo uma ideia:

– Como é que eu não pensei nisso antes? Você pode passear, amigo Quadrado!

– Posso? Como?

– É muito fácil. Eu carrego você, vou circulando por baixo e você vai paradinho por cima, olhando tudo o que quiser!

O Quadrado ficou muito feliz:

– Boa ideia! E, quando você quiser descansar, é só me pôr no chão e embarcar em mim! Que boa ideia, boa mesmo!

– Vamos, suba! – convidou o Redondo.

O Redondo ajudou e o Quadrado subiu. Logo, os dois circulavam pelo papel.

– Viva! Vamos pra onde queremos e paramos quando bem entendemos!

Circularam, rolaram, rodaram e acabaram pulando pra fora do papel.

Voltearam pela sala e desapareceram por debaixo da porta.

Corri atrás. Afinal de contas, aqueles dois tinham acabado de ser desenhados, eram ainda inexperientes na vida e poderiam até acabar se metendo em confusão.

Mas... que nada!

Logo apareceu alguém, desenhou um telhadinho no meu Quadrado e o transformou numa casa. Virou casa dos Sete Anõezinhos e depois virou abrigo para uma família que não tinha onde morar.

Outro usou o Quadrado para fazer uma caixa e ficou pensando: o que será que tem dentro da caixa?

Outro, mais prático, pegou o quadrado como caixa e levou um presente para a namorada.

Teve um que pegou o meu Redondo, fez dele uma maçã e eu vi uma criança dando uma gostosa mordida na maçã!

Outro, com o Redondo, botou alguns continentes, botou oceanos e construiu um mundo!

Um mais gozador, pintou uma boca vermelha no Redondo, dois olhos arregalados, um nariz de tomate e fez a cara de um palhaço! Olha lá: todo mundo está rindo do palhaço!

Teve gente que combinou os dois, fez carros, fez televisões, fez trens, e construiu máquinas para fabricar tudo o que as pessoas precisam!

Foi daí que eu descobri: a gente faz uma coisa e depois vê o que acontece. Daí, a coisa vai acontecendo sozinha.

Descobri que nada do que a gente faz é inútil.

Tudo o que a gente faz com amor vale a pena.

Mesmo que a gente não saiba desenhar direito.

Mesmo que a gente nem saiba onde fica o pé, nem onde fica a cabeça.